

LEBRETON, Joachin. *Manuscrito inédito sobre o estabelecimento de dupla Escola de Artes no Rio de Janeiro, em 1816.*

Texto disponível no site <http://www.dezenovevinte.net>

MEMÓRIA DO CAVALEIRO JOACHIM LEBRETON PARA O ESTABELECIMENTO DA ESCOLA DE BELAS ARTES, NO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 12 de junho de 1816.

A Sua Excelência o Senhor Conde da Barca , Ministro do Estado
Senhor

Nenhuma cidade do novo Continente, sem excetuar as dos Estados Unidos, oferece estabelecimentos científicos tão grandes, tão sólidos, quanto os da capital do México.

Humboldt, Ensaio político sobre a nova Espanha. Vol. 2, p. 11, edição in 8º .

Foi refletindo sobre este enunciado surpreendente de um viajante célebre, sobre os fatos citados como prova e sobre conversações aprofundadas com o mesmo viajante, que eu concebi

o projeto de concorrer para dar as mesmas vantagens ao Brasil, com despesas infinitamente menores.

As artes do desenho, que produziram em poucos anos, no México, surpreendente melhoria em muitos ramos da indústria e das Belas Artes, e a propagação simultânea do desenho nas artes e officios que dêle podem aproveitar, devem ter em todos os lugares o mesmo efeito; mas eu proporei não se esperar a sucessão de tempo necessária para que a influência de vossa principal escola chegue às oficinas do Artesão, e ofereço-me para organizar, com o ensino das Belas Artes, a propagação simultânea do desenho nas artes e officios que dêle podem tirar proveito.

A Academia de los Nobles Artes do México deve sua existência ao patriotismo de diversos particulares mexicanos e à proteção do Ministro Galvez . Pensei que os habitantes do Brasil amariam tanto a sua pátria quanto os mexicanos, e sabia que no Rio de Janeiro existia um Ministro mais esclarecido que Galvez e que é também inflamado por um zêlo ardente pela prosperidade de sua nação. Disso concluí que aconteceria no Rio de Janeiro como ocorreu na capital do México, com poucas modificações; que o Rei viria pelo menos consolidar um estabelecimento ao qual o patriotismo de seus súditos poderia dar a primeira existência. Sua Majestade fêz melhor, deu o exemplo.

Mas, quer seja a munificência real quer seja a generosidade dos moradores ricos que venha a receber os elementos por mim collocados no solo que preferi, indicarei a maneira pela qual creio que posso collocá-los do modo mais útil para o Brasil.

DAS BELAS ARTES

Não foram sòmente aspectos econômicos que me orientaram quanto ao número e emprêgo dos artistas que ofereço ao Rei. Tenho a intenção de não exceder o que é necessário para fundar uma escola, sem impor ao Govêrno a carga de um estabelecimento de luxo e de representação; assim, a Escola das Belas

Artes Brasileiras dará inicialmente menos prazer do que o preparará; não brilhará tanto, quanto será útil por sua influência.

Professôres de uma dupla escola das artes do desenho bastarão para todo o ensino dessas artes, e mesmo de suas applicões nos officios.

Mas é essencial que se determine bem o emprêgo de cada um, e não se deixe ao patronato, desprovido de luzes, nem às pretensões pessoais dos artistas, a possibilidade de intervir ou de enfraquecer a ordem do ensino pela invasão de qualquer Professor mediocre ou não clássico, pois a escola teria, desde o início, germes de fraqueza e de torpor que não tardariam a prejudicá-la.

PINTURA

Esta arte se divide em duas partes principais: o *gênero histórico*, ou grande gênero, e o que se denomina simplesmente *pintura de gênero*, a qual abrange a paisagem, as cenas familiares e até os mínimos pormenores da natureza. Ainda que esta divisão possa parecer ideal, em algumas circunstâncias, e choque o amor próprio dos pintores ditos de gênero, possui grande fundo de realidade, que não se deve perder de vista na organização do ensino. É fora de dúvida que a pintura de gênero é útil e agradável; penso ainda que em país como este, ao qual a natureza prodigalizou tôdas as riquezas, os Pintores de gênero terão uma mina inesgotável de assuntos de quadros, e que o gôsto dos particulares sentirá e encorajará de preferência a pintura de gênero, em vez da outra.

Trata-se, porém, do ensino e dos princípios elementares da arte de pintar em geral. Dêsse ponto de vista, é necessário que todos os ramos saiam do tronco, que é o gênero histórico. Não houve nunca, nas grandes escolas da Itália e da França, lições públicas de pintura de gênero, e as Academias não lhe reservaram senão pequeno número de lugares honoríficos. O Instituto de França apenas lhes concedeu dois, occupados pelo sr. Vanspaendonck, que suscitou grande progresso na arte

do pintor de flores, e pelo sr. Taunay, que adquiriu bela reputação, pintando cenas familiares e paisagens, quadros em que algumas vêzes se aproximou do gênero histórico, pela concepção e sentimento. Não é bastante para o ensino; cumpre ensinar o aluno-pintor a desenhar e a pintar, inicialmente em grande, podendo descer em seguida aos pequenos assuntos, caso deseje. Então, poder-se-á ter esperança de vir a ocupar um lugar ao lado do Poussin, de Berghem, de Wauvermans e de Vernet, o único pintor francês de gênero que é grande desenhista: também havia êle estudado o gênero histórico e começara mesmo por praticá-lo.

Para todos os gêneros, portanto, os estudos acadêmicos serão os mesmos até o ponto de partida, que será logo indicado; os dois professôres pintores, o escultor e o gravador farão desenhar, pintar ou modelar figuras acadêmicas, figuras segundo moldagens do antigo ou segundo modelo vivo. Sem isto, teríeis rapidamente, sr. Conde, um formigueiro de artistas-abortos, saídos de vossa escola, e que seriam mais importunos que úteis.

O inimitável Claude Lorrain não fêz alunos. Era incapaz de ensinar; pintava com o instinto e o sentimento. Em nossos dias, Greuze fêz grande número de quadros cheios de encanto e de sentimento, e se o gênero pudesse confundir-se com a pintura histórica, seria em Greuze que se operaria a fusão. Pois bem. Ela não pôde operar-se, e Greuze não deixou alunos e não poderia jamais ter sido admitido a lecionar numa escola de França, nem em qualquer escola bem organizada.

Partindo destas bases, eis o modo e os graus do ensino: o da pintura se dividiria em três graus.

1.º) Elementos gerais do desenho, desde seus princípios elementares até as academias, e cópias segundo modelos desenhados pelos professôres e assinados por êles.

Caso se usassem modelos gravados, êles deveriam ser adotados por deliberação conjunta dos professôres. É precaução para o futuro, contra a preguiça e a fraqueza dos mestres.

2.º) Desenho segundo o vulto, até a figura acadêmica da natureza. Os professôres pintores, escultores e gravadores

serão empregados cada um a seu turno, nestes dois graus do ensino. O escultor poderá começar fazendo modelar na escola, a partir do segundo grau.

3.º) A figura acadêmica pintada, segundo modelo vivo no *atelier* do pintor de história. Os alunos destinados à paisagem fariam pelo menos um ano dêste estudo, a fim de aprender a dar vida e correção às figuras que colocarem em seus quadros.

Os que pintarem plantas, flores, animais, poderão ser dispensados do mesmo, mas os de flores deverão estudar noções de botânica. O reino vegetal do Brasil interessa demasiadamente às ciências naturais para que não o tornemos conhecido com fidelidade, mesmo em pintura. A descrição dos insetos do Surinã é preciosa, pois a arte, dirigida pela ciência, representou êsses pequenos animais, nas plantas de que se nutrem. Assim, tornou-se agora necessário pintar a história natural. Falo da pintura de flores e de animais, mesmo a partir da origem da escola, pois M. Debret está em condições de ensiná-lo; tenho sua permissão para assumir o compromisso em seu nome.

ESCULTURA

Êste ensino se compõe dos dois primeiros graus do desenho, sendo que em vez do 3.º grau do estudo dos pintores, os alunos escultores modelarão no *atelier* do professor de escultura, segundo os seus conselhos, e, na escola, com modelo vivo.

GRAVURA A ÁGUA-FORTE E EM TALHO-DOCE

Consistindo na ciência do desenho a base desta arte, os alunos, sem exceção, seguirão todos os cursos da escola que têm por finalidade criar bons desenhistas.

O trabalho da gravura só pode ser ensinado no *atelier* do mestre, mas os estudos de desenho, a serem feitos nos cursos de ensino público pelos alunos, serão submetidos à assembléia dos professôres em épocas marcadas, e julgados nessa reunião.

O julgamento será consignado por escrito e dêle se dará ciência ao Ministro sob cuja jurisdição se ache a escola ; ocorrerá o mesmo em relação a todos os cursos.

ARQUITETURA

O ensino completo desta arte, cuja utilidade se aplica a todos os graus da civilização, seria já por si um benefício para o Brasil, e posso felicitar-me por apresentar na pessoa de Mr. Grandjean um professor capaz de realizar semelhante tarefa, em sua vasta extensão, ao mesmo tempo em que poderá reunir os exemplos aos preceitos.

O curso de arquitetura poderá ser teórico e prático. A parte teórica se dividirá em três seções, a saber: história da arquitetura e seus princípios, estabelecidos segundo os monumentos antigos e modernos; construção, e estereotomia. Esta última parte, assim como a perspectiva, útil também aos outros artistas, se conterão em um número limitado de lições.

O ensino teórico, porém, exigirá alunos já um pouco adiantados; em consequência, o professor começará por formar os primeiros alunos, em exprimir idéias pelo desenho, em imitar e em tomar conhecimento das dimensões. Só colocará diante deles exemplos escolhidos entre os mais perfeitos modelos da antiguidade e entre os mais belos monumentos da arquitetura moderna.

Quando os alunos tiverem adquirido bastante conhecimento para passar à composição, haverá todos os meses um concurso de esboços e de projetos acabados. Estes concursos serão julgados pelos professôres reunidos e dêle será dado conhecimento ao Ministro competente. Todos os anos, em época determinada, como o dia do aniversário do Rei ou de sua chegada ao Brasil, poder-se-ia fazer exposição pública de todos os trabalhos da escola, tanto de professôres como dos alunos, e distribuir prêmios aos que houvessem demonstrado mais talento ou feito maiores progressos. Quando o tempo permitir a formação de alunos de nível bastante elevado para presumir-se que possam tornar-se

grandes artistas, será necessário enviá-los por alguns anos à Itália.

Desejaria que um bom ensino musical completasse o Instituto, academia ou escola das artes, porém não há necessidade de meu zêlo, nem de minhas fracas luzes para esta organização. É, portanto, um simples voto que exprimo, e retorno às artes que têm o desenho por base.

Creio não haver omitido nada de essencial no sistema de seu ensino, nem nas proporções convenientes. Cada arte tem o seu quadro, e as relações entre elas estão estabelecidas. As funções dos professôres são determinadas e é preciso que o sejam, de maneira tão positiva, que tanto os mestres como os alunos sejam colocados dentro de uma organização não sòmente mais forte do que cada um dêles mas também superior a todos os motivos de relaxamento e de anarquia. A igualdade de nível e de salário entre professôres é indispensável para a concórdia, sendo também conforme com a justiça. Se alguns professôres devem esforçar-se mais do que outros, afirmando-se de utilidade mais ampla, tais como os de Arquitetura e Pintura Histórica, poderão êles encontrar compensação no exercício de sua arte.

Restam-me duas considerações que julgo de grande importância submeter à sabedoria de Vossa Excelência, antes da organização de uma escola de belas artes: uma é relativa aos professôres, e a outra aos alunos.

Tomei das escolas da Europa — sobretudo a da França, que incontestavelmente é bastante superior a tôdas as outras escolas em que se ensinam belas artes — o que existe de melhor no sistema de ensino; mas quando se faz um estabelecimento inteiramente novo, haveria perigo na imitação completa daqueles que possuem uma longa existência, pois o tempo lhes traz abusos, que se enraizam como musgo nas velhas árvores, e que lhes esgotam a seiva, com prejuízo da frutificação. Por exemplo, para não falar senão da escola francesa, como não se teve o cuidado de verificar que há certo grau de velhice em que não se podem mais lecionar as belas artes com resultado, occorreu,

necessariamente, que pelo fato de cada professor falecer em sua função, a maioria se encontra sempre em estado de declínio ou mesmo de caducidade.

Embora haja em Paris remédios que não existem aqui, para neutralizar este mal, — a saber: grande número de artistas hábeis, exposições públicas e observação vitalizante das obras-primas — posso assegurar que sofríamos com esse inconveniente, tão grande que já nos ocupávamos em fazê-lo desaparecer, quando as últimas desgraças da França detiveram todos os projetos de melhoria.

Caso isto acontecesse aqui, o que poderia ocorrer mesmo antes que a escola houvesse alcançado grande força, eu recearia bastante os efeitos desse mal. Os sentidos são necessários para inspirar e bem dirigir os alunos das belas artes: a apatia e o gêlo da velhice são incompatíveis com as artes da imaginação. É, pois, prudente cogitar da aposentadoria por invalidez, tão depressa esta apareça: poder-se-ia atribuir dois salários — um ao título puramente acadêmico, outro às funções de professor? Quando estas cessassem, o outro, que seria continuaria com o título honorífico. Restaria apenas encontrar um suplemento que se assegurasse ao professor aposentado o *otium cum dignitate* do sábio.

Não deve ser deixado livre ao professor o fazer-se substituir, por sua escolha, no caso de doença ou de ausência autorizada; seria uma porta aberta por onde a mediocridade e a intriga se insinuariam nos cargos de professor titular, e um meio de enfraquecer o ensino.

Não proporei criar, relativamente a este caso, como na França, adjuntos escolhidos pela congregação de professores, os quais só são pagos quando em exercício. Aqui, não se teria com que formar esta segunda linha, mas os professores podem ser obrigados a substituir-se entre si, nos casos previstos, deduzindo-se dos honorários do ausente, o salário daquele que lhe faz o serviço, se a ausência se prolongar por tempo demasiado longo.

Após a primeira organização, a admissão do professor deverá processar-se através de provas irrecusáveis, isto, é de

obras de ordem clássica, que possam garantir ensino acadêmico rigoroso. O próprio concurso pode ser empregado em caso de necessidade, sendo os assuntos dados e julgados pela congregação.

A observação relativa aos alunos é igualmente apoiada em enorme inconveniente da escola da França, inconveniente que tentei remediar em esforço inútil, juntamente com dois Ministros dispostos a secundar-me.

Consiste êle no fato de se admitirem à escola de Paris todos os alunos que se candidatem com um fraco comêço de desenho, sem exigir qualquer grau de educação primária, nenhuma instrução de qualquer ordem.

Como o ensino é inteiramente gratuito, a pobreza para ali envia seus filhos, em lugar de collocá-los em oficinas de artesões, onde teriam de pagar pela aprendizagem. Cedo a vaidade da criança ou da família o impede de retroceder; entretanto, o maior número dos que êle imitou e daqueles que por sua vez seguirão seu exemplo deveriam naturalmente dedicar-se a officios.

Imagine-se, sr. Conde, a quantidade de fermento grosseiro e a falta de liberalidade que, desta maneira, pode penetrar e que realmente penetra nas belas artes. É de desejar que esta má semente não se introduza no bêrço de nossa escola; que, pelo contrário, a profissão de artista fique, em geral, numa região média da sociedade: que o pintor e o escultor sintam prazer com a leitura dos poetas e dos historiadores e se inspirem nêles; que o arquiteto seja capaz de erudição e de penetrar, até certo grau, nas ciências matemáticas.

Como não há ainda necessidade de grande número de artistas, talvez seja menos difícil tornarmo-nos exigentes com relação à qualidade dos alunos, e obrigá-los a adquirir instrução. Isto seria, pelo menos, bastante desejável no próprio início.

Talvez criando simultâneamente uma Escola de Belas Artes, *los nobles arts*, e uma escola de desenho para as artes e officios, se possa preservar a primeira pela segunda, classificando e mantendo nesta, que não poderia chegar a ser demasiado freqüentada, todos que não conviessem à outra.

DA DISTRIBUIÇÃO DOS PROFESSORES, DE SEUS HONORÁRIOS, DOS TRABALHOS REGULARES A LHEES DAR.

Embora a distribuição dos professores seja determinada pelo sistema do ensino e pelas observações que lhe acrescentei, não será inútil representá-la de maneira precisa, e sopesar o o mérito e a influência de cada um.

Sendo a ciência do desenho a base da arte, os que melhor e de modo mais geral ensinem a desenhar serão os mais úteis à escola, sobretudo em pintura, escultura, gravura e ofícios que se ligam ao luxo. A prática de pintar com cores, de modelar e de esculpir com argila ou com matérias duras, só se alcança posteriormente e deve ser considerada secundária, pois não é nada sem princípios básicos. O exercício e o estudo refletido dos bons quadros e dos bons modelos de escultura, ajudados pelos conselhos de um mestre farão o resto. Isto é, colocam o jovem artista no ponto de seguir seu talento e imitar a natureza segundo suas próprias sensações.

Os senhores Debret e Taunay, o escultor Pradier, como bom desenhista, e o próprio Grandjean, considerado deste ponto de vista, abstração feita de seu saber e de seu talento como arquiteto, são, portanto, colunas da escola brasileira, sobre as quais se pode estabelecer vigoroso ensino do desenho. O talento do sr. Taunay, o mais velho, embora muito destacado, não pode ser tido como clássico, sob este ângulo, mas seus conselhos terão utilidade, sobretudo nos primeiros estudos de paisagem, e seu nome ilustrará a escola.

Há no Rio de Janeiro um pintor que estudou na Itália e que é capaz de ensinar; cumpre conservá-lo na escola, por justiça e por utilidade, se estiver em condições de ensinar desenho de academias; porque, não sendo necessários adjuntos nem suplentes, que formaram um ninho de mediocridade, seis professores não seriam demais para o serviço e para se substituírem se fôsse preciso. Aliás, esse mestre já percebe salário, e isso não constituiria despesa inteiramente nova.

Cada um lecionar^á na escola alternando, cada mês, elementos do desenho e o estudo segundo os dois gêneros de modelo, com exceção do arquiteto, cujos cursos serão separados e mais contínuos.

Não tenho base suficiente para determinar, com precisão, os salários dos professôres, pois ignoro em quanto se deve orçar aqui uma existência digna, que é necessário assegurar a todos; considerar como devendo fazer a abastança dos artistas, os trabalhos de pintura, de escultura e de gravura que os particulares possam encomendar, isso seria, no mínimo, restringi-la por longo prazo à mediocridade. Entretanto, para que o primeiro germe das artes se beneficie, em país estrangeiro, é de todo necessário que o solo o alimente com liberdade, sem o que perecerá ou se transplantará espontâneamente.

Partindo desta primeira conveniência e entrosando-a com os aspectos da utilidade para a escola e o Govêrno, e com os princípios de ordem e de emulação, eis como eu organizaria a existência dos professôres:

Para o título acadêmico, um salário *ad vitam* de
Para as funções de professor, um salário de
Para uma aposentadoria, um salário graduado de

Além disso, seria dado, cada ano ou mesmo de dois em dois anos, aos pintores e ao escultor um quadro, um busto ou um baixo-relêvo a serem feitos para o Rei ou para a cidade. Seu preço e dimensões, bem como o assunto, seriam determinados. Tomar-se-iam êstes assuntos, em geral, à história nacional. O gravador teria do mesmo modo uma prancha a gravar, que constituiria também propriedade do Govêrno ou da cidade, e poderia ser vendida em benefício da escola.

O arquiteto faria um projeto de monumento ou de edificio de utilidade pública, para idênticos proprietários, e que no presente ou no futuro pudesse ser executado.

Por êste meio bastante natural, cuja despesa não seria assustadora, a escola brasileira, desde o nascimento, iniciaria um

Museu Nacional interessante, que se enriqueceria, cada ano, e logo se estenderia até a descrição pitoresca do país.

Tendo os professôres trabalhos lucrativos assegurados, estariam defendidos, para o futuro e, circunstância que me parece muito importante, não se estiolariam na inércia. Seriam, pelo contrário, forçados a estudar por si mesmos e a sustentar sua reputação. Todos êsses trabalhos se exporiam públicamente no aniversário natalício do Rei. O folheto explicativo da exposição poderia ser vendido em proveito da escola.

Relativamente a esta venda observarei, sem procurar estabelecer paridade, que no caso da Academia Real das Belas Artes de Londres, é o produto da exposição anual que faz inteiramente sua valiosa renda, e ela não possui senão um meio século de existência. É com êsse capital acumulado no Banco, que são pagos o Presidente, os professôres da Academia, os modêlos, os prêmios, as viagens e a estada dos alunos enviados à Itália para ali se aperfeiçoarem.

Na véspera do dia em que as salas da mostra se abrem ao público, a academia oferece um grande banquete no próprio local em que se acham expostos os trabalhos do ano. Os Príncipes da família real, os Ministros, os lords, enfim, desde o zêlo até a vaidade "taxável", todos são convidados. Após os *toast* ao Rei e à prosperidade da Academia Real, faz-se coleta cujo produto, sempre abundante, é depositado em conta de banco da academia.

No dia seguinte o público começa a pagar seu tributo, na porta, dando um *shilling* pelo folheto ou catálogo; todavia é necessário comprar outro, cada vez que a visita se renova. O produto desta venda é também colocado no Banco. Fêz-me a Academia Real, a honra, certo ano, de convidar-me a ir de Paris ao seu banquete solene. Falo, assim, *de visu*.

Seria impossível, Senhor Conde, copiar em ponto pequeno, em benefício da nova escola das artes, êsses hábeis calculistas inglêses? Onde não se achasse zêlo nem gôsto, poder-se-ia encontrar a ostentação, que é de todos os países. E previsto que o exemplo seja dado por aquêles que gostamos de imitar, pode-

riam ser feitas úteis coletas para a Escola. Confio esta idéia à sua sabedoria.

Mas, ousaria recomendar-lhe particularmente uma precaução, sem a qual se perderia um dos melhores efeitos dos trabalhos que devem formar a coleção acadêmica. Trata-se de lhes consignar um lugar, uma destinação, logo após a exposição pública; sem isto, ficariam de algum modo como o diamante tallado que voltássemos a colocar nas entranhas da mina. Mais freqüentemente, pelo contrário, êles suscitarão por si mesmos o gôsto, contribuindo para fazê-lo nascer.

Caso ainda não existam locais, poder-se-ia aproveitar recintos provisórios ou mesmo colocar as obras da escola de belas artes com hóspedes de honra, em casas de ricos particulares e em corporações.

DE ALGUNS OUTROS MEIOS DE ESTUDO APENAS ESBOÇADOS

Com relação aos diversos graus do ensino do desenho, falei dos modelos em gesso, moldados do antigo; é necessário voltar aos mesmos e completar o ponto dos modelos em geral, tirados das belas obras de arte. Diz o barão de Humboldt que a coleção de gesso transportada para o México, em benefício da Academia, custou ao Rei de Espanha, Carlos IV, perto de 200 mil francos... e que não se encontra, em nenhuma parte da Alemanha, uma coleção de gesso copiada do antigo, tão bela. Êste gênero de modelos é indispensável, mas não nos devemos assustar com a despesa feita pelo Rei da Espanha: inicialmente foi-lhe necessário mandar moldar na Itália; atualmente têm-se os mesmos gessos em Paris, sem pagar o custo dos moldes. Por outro lado, o sr. Marquês de Marialva me disse que o Governo Português possuía alguns muito belos. Enfim, caso se acredite não dever privar-se Lisboa dêles, achar-se-á em Paris *por menos de vinte mil francos* tudo que se possa razoavelmente desejar em modelos, seja de figuras, seja de baixos-relevos, seja de orna-

mentos, e êsses modelos serviriam não sòmente para a escola de belas artes, mas, em parte, para a de artes e ofícios.

É igualmente necessário possuir modelos para pintura, pois cada pintor estudou os grandes modelos de sua arte e se esforçou para dêles apanhar alguma coisa; mas nenhum pintor que ensina pode substituir-se às obras dos grandes mestres. Pelo contrário, os professores, de alguma maneira, delas têm tanta necessidade quanto os alunos, para demonstrar os princípios e a fim de se sustentarem a si próprios; sem isto, nem o mais hábil impediria um estabelecimento de ensino de cair numa maneira qualquer que tornaria um vício geral de escola, caso os alunos só tivessem diante dos olhos os seus quadros.

Há mais. O mestre tem talvez tanta necessidade quanto os alunos de ligar-se, êle próprio, aos modelos que o inspiram, o retificam, o impedem de desviar-se; aliás, terminada a aprendizagem, resta ainda ao jovem pintor a tarefa de dar ao seu talento um caráter, uma fisionomia. E como o faria, se conhecesse sòmente os quadros de seu mestre e aquêles que o acaso lhe oferecesse aqui, em número demasiado pequeno, e que talvez ainda não fôsem suficientemente clássicos?

É portanto necessário reunir quadros de diversas escolas, telas que possam servir às lições práticas, como demonstração, ao mesmo tempo em que guiem e mesmo inspirem os professôres.

Embora sòmente com grande despesa se possa formar uma coleção de quadros para um Soberano, não é difícil reunir para uma escola, com despesa moderada, o necessário e o útil em quadros, escolhendo bem e pondo de lado a pretensão e a mania de possuir coisas demasiado raras.

DE UMA ESCOLA GRATUITA DE DESENHO PARA AS ARTES E OFÍCIOS

Êste segundo estabelecimento, embora de natureza diversa da do primeiro, se amalgama perfeitamente com êle. Será, inicialmente, o mesmo ensino dos princípios básicos do desenho até o estudo que se diz baseado no vulto; e serão os mesmos profes-

sôres, a saber, o sr. Debret e o professor português já empregado, que se encarregarão desta parte do ensino; coloco aí o sr. Debret como tendo grande experiência do ensino elementar de desenho, bem como do de pintura, porque êle não sòmente dirigiu durante 15 anos o *atelier* dos alunos de David; foi durante 10 anos o único mestre de desenho do melhor e mais numeroso colégio de Paris, o colégio de Ste. Barbe.

Assim, os mínimos elementos lhe são familiares e não o atemorizam; aliás, é útil que na escola dos officios se aprenda a desenhar flores e animais, e Debret concorda em encarregar-se dêsse ensino.

Após os primeiros passos do estudo da figura, vem o desenho de ornato, de applicação tão variada e tão útil em todos os officios em que o gôsto pode ornamentar e embelezar, seja pela escolha das formas, seja nos acessórios. Aqui a escola passa quase inteiramente para a influéncia do professor de arquitetura; porque os móveis, vasos, objetos de ourivesaria e bijuteria, marcenaria, etc., são de sua competência ao mesmo tempo em que êle ensinará ao carpinteiro e ao fabricante de carroças a traça, com as regras de precisão e exatidão que devem guiar todos os artesões.

Proponho, assim, que se coloque o sr. Grandjean à frente dessa escola. V. Exc. verá na bela obra que êle publicou sôbre a aquitetura toscana, em sua seleção de túmulos da Itália e sobretudo nos seus estudos de álbum, com quanto gôsto, elegância e facilidade êle desenha o ornato, e sabe também gravá-lo.

Conviria juntar-lhe seus dois alunos, pois êles seriam muito úteis em diversas partes de pormenores, principalmente para os officios de pedreiro, carpinteiro, marceneiro e serralheiro. Não seriam professôres titulares, mas ajudantes quase indispensáveis, que permaneceriam ao lado dos alunos, o que seria impossível exigir do sr. Grandjean, que freqüentemente será chamado alhures, pelas suas occupaões. Êstes alunos lhe seguirão a orientação, e por isto se lhes atribuiria um salário módico.

Um pequeno curso de geometria prática seria bastante útil a essa escola. Poder-se-ia começá-lo pelo ensino da aritmética.

da qual os artesões têm diàriamente necessidade. Se a academia do México foi estabelecida em escala maior, do que aquela que terá a do Brasil, afirmo sem hesitação que a segunda escola, proposta por mim, ligada como a imagino à nova academia e ajudada pelos socorros práticos que exporei mais abaixo, fará caminhar a indústria nacional, bem mais ràpidamente do que no México. V. Exc. o perceberá daqui a pouco.

É verdade que, desde 1803, Humboldt encontrou a ourivesaria não só na Capital, mas até nas pequenas cidades do México, em estado de perfeição e de atividade surpreendentes; grande número de operários brancos, mestiços ou índios enchia os *ateliers*, em quem se fabricavam serviços de baixela de prata “no valor de 150 a 200 mil francos e que pela elegância e acabamento podem rivalizar com tudo que se faz de mais belo nesse gênero nas partes mais civilizadas da Europa” .

Certamento, a repartição dos benefícios da mão-de-obra, consideráveis neste gênero de indústria, é vantagem digna de inveja, tanto mais quanto, segundo estimação do mesmo viajante, a fabricação empregou, em ano médio de 1798 a 1802) 985 marcos de ouro e 26.803 marcos de prata .

É à influência da academia de belas artes, que se atribuem, com justiça, todos êsses graus de perfeição. Creio, Senhor Conde, que marchamos para o mesmo objetivo, por três movimentos no lugar de um só. E esperando que o gôsto da magnificência chegue até aqui, os officios se occuparão das modestas necessidades do estado social.

Êstes três movimentos combinados seriam a grande escola de belas artes e officios, e os *ateliers* práticos, a respeito dos quais devo explicar-me.

Mas antes de expôr esta parte de meu plano, com seus meios de execução, devo, para não inverter a ordem das idéias, formular ainda algumas observações sôbre a influência de uma escola apropriada às artes e officios.

Citarei um fato digno de atenção. Em Paris é reconhecido, por todos os homens capazes de observar as causas e seus efeitos, que é à escola gratuita de desenho, estabelecida por volta de

1763, que se devem a feliz revolução de gôsto, e o grande aperfeiçoamento experimentado pela indústria francesa em todos os officios relacionados com o luxo. A Academia de Belas Artes não influia nêles, pois só admitia e só queria formar artistas.

Um de seus membros, pintor bastante medíocre de flores e animais (Bachelier), mas homem de espírito e muito ativo, imaginou a escola tal como ainda existe em Paris (antiga rua des Cordeliers, hoje de l'École de Medicin). Fêz melhor; persuadido de que os melhores projetos podem cochilar durante muito tempo e esvair-se antes que os governos se ocupem ativamente de realizá-los, começou êsse à sua custa, alugou o colégio de Autun para situá-lo e finalmente nêle investiu os 64.000 francos que ganhara e que constituíam tôda a sua fortuna.

A velha academia, então bem má, se escandalizou porque um de seus membros se abaixava até os operários, prostituindo assim a nobre arte do desenho. Embora só se tratasse de um pintor de gênero, jamais lhe perdoaria a ofensa. Êle viveu bastante e sempre considerado, mas o tempo não apagou êsse delicto perante os antigos acadêmicos.

Entretanto, o estabelecimento venceu e, três anos após a fundação, adquiria existência legal por meio de carta patente registrada no Parlamento. Mas o Govêrno não lhe deu dotação de maneira alguma; sômente o Rei lhe concedeu três mil francos, no primeiro ano. Foi o artista Bachelier quem criou a renda, como criara o projeto, e é neste ponto que o exemplo se torna interessante. Como fui um dos subscritores, desde 1788, e depois, por mais de 15 anos, lhe presidi a administração, pode V. Exc. contar com a exatidão do que lhe exponho.

Em 1789, tinha essa escola 44.000 francos de renda anual, que o artista lhe havia conseguido a começar do primeiro escudo. Cada dia, 1.500 alunos, crianças, adultos e mesmo homens amadurecidos, recebiam ensinamento, renovando-se o auditório e as lições durante seis horas. Ali eu vi Granadetros do Regimento das francesas dar exemplo de assiduidade e decência. Quatro professôres e dois sub-inspetores, encarregados

sòmente de manter a ordem, faziam todo o serviço sob a direção do fundador.

Mas V. Exc. deve estar impaciente por saber como se constituiu a renda: vou satisfazê-lo. Bachelier, que sabia viver em sociedade e tinha maneiras insinuantes, mesmo gastando os seus 64.000 francos, fazia sentir a utilidade pública de sua escola, o que não lhe era difícil; e quando alguém se mostrava interessado pela mesma, êle tirava do bôlso o livro de subscrições, exhibia nomes importantes, ressaltando a vantagem que cada subscriptor tinha de enviar à escola um aluno à sua escolha, ao qual se forneciam lápis, papel, modelos e ensino, durante 5 anos, tudo isto pela soma de 30 francos, dada anualmente pelo subscriptor.

Avalie, meu Senhor, como era então fácil, na França — achar subscriptores para essa grande obra; também a còrte, o alto clero, as grandes corporações, tôda a gente qualificada pelo nascimento, pôsto, mérito ou opulência, foram seduzidos ou, pelo menos, inscritos. Bachelier procurou os “Jurandes” fazendo-lhes ver quanto o estabelecimento era especialmente vantajoso para corporações de officios que êles presidiam. Ofereceu-lhes a prerrogativa de enviar à escola 30 alunos, e obteve que lhe seriam concedidos 50 soldos, tirados da recepção de cada novo companheiro patenteado; seis francos, da patente de cada mestre, o que dava à escola uma renda annual de 12.000 francos, em média.

A revolução acabou com subscrições e subscriptores, esgotando tôdas as fontes de renda. A Assembléia Constituinte, por um honroso decreto, concedeu a dotação provisória de 16.500 francos, que ficou sendo o recurso definitivo dêsse estabelecimento, e com o qual se sustenta, sem que as agitações públicas hajam interrompido o ensino por uma só semana. Fiz mesmo contratar professor de matemática e de medidas, que a escola não tivera em seu estado de opulência.

Mas êstes 1.500 alunos aprendizes, instruídos anualmente na escola, se tornaram operários mais hábeis, em todos os gêneros. Para limitar-me a dois, que são mais conhecidos no estran-

geiro, citarei Odiot e Meunier, os melhores ourives de Paris, hoje muito ricos; entraram como alunos pobres na escola, sem terem ainda escolhido officio determinado; foi o desenvolvimento de suas aptidões, no estabelecimento, que os dirigiu para a ourivesaria.

Os Intendentes e os Bispos abriram várias dessas escolas nas províncias a exemplo da de Paris, com regulamento feito por Bachelier; assim, imprimiu-se à indústria franceza um movimento de melhora que se fêz sentir em tôda parte, e que nada custou ao tesouro público.

Volto ao terceiro meio enunciado atrás, a indústria prática. Para aumentar e aperfeiçoar aqui mais prontamente a indústria, para torná-la nacional, desejaria que se fizesse vir da Europa certo número de operários organizados em oficinas, que possam subsistir por si mesmos e trabalhar de chegada. Alguns artesões isolados, espalhados entre os operários locais, ou estabelecidos isoladamente em um país cuja língua desconhecem, produzirão poucas vantagens e sua influéncia será demasiado fraca, se não fôr nula. Acho que o Brasil poderia entrar bem mais fructuosamente na partilha das perdas que experimenta a indústria franceza, e com as quais se beneficiam o norte da Alemanha, a Bélgica holandesa e os Estados Unidos. Por uma única operação pode-se tirar de Paris pelo menos cem operários escolhidos segundo o emprégo que déles fôsse proposto fazer, e que se repartiriam por oficinas organizadas nos pontos mais úteis.

Haveria um mestre completo para cada officio. Os alunos da segunda escola de artes entrariam como aprendizes nessas oficinas, e em poucos anos tais alunos se tornariam mestres, fundando e aperfeiçoando a indústria nacional.

Não desejaria que o Govêrno se encarregasse dessas oficinas, nem de nenhuma outra despesa a não ser a da viagem dos indivíduos que as integrassem; seria dispendioso e torná-los menos ativos. Basta que alguns negociantes lhes assegurem trabalho e existéncia, fornecendo-lhes locais para as oficinas e as matérias-primas; façam tais negociantes com que se

vendam os produtos do trabalho e deixem parte do lucro aos chefes das oficinas e o objetivo será alcançado. Quando expirasse o contrato, que eu fixaria em 5 anos, as oficinas estariam estabelecidas, pois mesmo supondo — o que certamente não seria geral — que os mestres-operários quisessem trabalhar por conta própria, a nação teria adquirido quase tôda a sua indústria, e o estabelecimento isolado não deixaria de ser uma vantagem. Não é um sonho, Sr. Conde, pois um dos negociantes locais, a quem quero bem e estimo, já começou a realizar parte dêste plano no Rio de Janeiro, com alguns operários franceses vindos comigo. Mas para abarcar o problema em extensão conveniente e não deixar que se escape uma circunstância que possa suscitar modificações; para não ser decepcionado pelo tempo que tão grandes distâncias exigem, é necessário que examinemos alguns meios de execução e nos apressemos a applicá-los.

A escola de artes e officios custará muito pouco ao Govêrno, segundo os elementos que propus; será no máximo um aumento a fazer-se nos salários dos srs. Debret e Grandjean e um salário moderado para os dois alunos do professor de arquitetura.

Os operários, uma vez desembarcados, nada custariam. Para a viagem haveria, penso eu, um meio insensível ao Tesouro Real, de fazer esta operação, cujos resultados seriam tão úteis. Creio fora de dúvida que seria menos dispendioso transportar esta colônia em um navio portuguez ou brasileiro, do que pagar tantas passagens, e, a mais, o frete dos móveis e utensílios a um armador. Que se encarregue ainda um negociante desta comissão, que êle forneça o navio e que vá à França, com um carregamento de produtos de que o Rei possa dispor. O produto do carregamento pagará as despesas da expedição, ao mesmo tempo que poderia bastar para a aquisição de todos os gêneros de modelos necessários às duas escolas de artes.

Trata-se de ocasião especial, que provavelmente, não se apresentará mais, ou, pelo menos, ocorrerá muito raramente. Nunca, talvez, semelhante circunstância se oferecerá de novo para se adquirirem tantos recursos industriais de uma só vez e para se poderem escolher todos os elementos que desejáveis.

Seria de recear obstáculos de parte do Govérno francês? Infelizmente, para desgraça da França, é mais do que certo que os talentos e as indústrias escapam quando surgem e procuram, há algum tempo, asilos de paz, fora de seu seio, para o qual receiam novas feridas. Mas daqui não é possível escolher os indivíduos convenientes; êles mesmos poderão tirar passaportes para a Inglaterra ou a Holanda e embarcar para o Brasil, sem que algum agente acreditado se ocupe disso, em Paris .

Eis, Senhor Conde, minha idéia para organizar um sistema completo de instruções das artes, em sua dupla acepção. Desejaria que o seu país, com direito a esperar grandes destinos, não ficasse em atraso, quando já uma parte do continente aumenta com maravilhosa rapidez sua população, suas riquezas agrícolas e comerciais; quando só se precisa de calma, que pode nascer rápidamentee, para que a América Espanhola, já populosa e possuidora de elementos preciosos em luzes, em estabelecimento e em indústrias, inicie um belo surto.

Sei que V. Exc. vê melhor e mais longe que eu, no futuro das nações; que sua alma cívica ama a pátria e seu Príncipe; e que recomendar-lhe seus interêsses seria desconhecê-lo. Não é portanto a V. Exc. que tenbo necessidade de persuadir; mas faço votos bem sinceros para que suas luzes e seus sentimentos se propagam, antes que vejamos o fim de uma dessas épocas notáveis e raras que oferecem aos Governos sábios ocasião de lucrar com as faltas e as desgraças dos outros. Não importa o que aconteça a estas idéias e a meu voto; ficarei sempre honrado de tê-los tido, porque tiveram por princípio o amor do bem, o desejo de cooperar e minha predileção pelo Brasil. Felicitar-me-ei sobretudo de haver homenageado V. Exc., a quem já havia aprendido a estimar, na Europa, mas a quem se ama e se respeita quando se tem a felicidade de chegar perto de sua pessoa.

CAVALHEIRO JOACHIM LEBRETON